

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 13500 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

**AVEIRO**

**EXEMPLOS E CONFRONTOS**

Quando observamos a effervescencia politica que vae em França n'este periodo eleitoral, que está antecedendo a epoca de grandes acontecimentos para a consolidação d'um governo radical n'aquelle paiz; quando vemos os seus estadistas e os seus homens illustres á frente do movimento eleitoral, apresentando-se ao povo em comicios imponentes, sustentando as ideias dos partidos que representam, dizendo ao que vão e o que querem; quando finalmente perante esta attitude viril, propagandista, eloquente, da França republicana confrontamos a miseravel politica das monarchias da península, e, principalmente, a marcha seguida entre nós pelos aulicos da realesa, que não tido as redes do governo em Portugal; quando nos lembramos do que tem sido sempre o periodo eleitoral n'este desgraçado paiz, onde apenas alguns candidatos republicanos procuram a sancção directa do povo para o cerceado suffragio que o constitucionalismo ha por bem dispensar-nos, quasi que nos convencemos de que está irremediavelmente perdida a sorte d'uma nacionalidade que tão alheia anda das practicas da liberdade e dos direitos individuaes.

Mas não! Seria grave injustiça lançar á conta do povo o que é culpa apenas das instituições que o regem e dos homens que as servem.

Mal de nós se as monarchias não tivessem os seus dias contados.

Mal de nós, se ellas não estivessem nos paroxismos d'uma morte a todos os momentos esperada. Este facto natural, implacavel, nenhum elixir será capaz de suspendel-o na sua acção vertiginosa, inteiramente logica.

Sustenta-as ainda, é certo, a cobiça das camarillas e a força das bayonetas. E' tão ephemero, porém, este prestigio, que as testas coroadas, em frequentes en-

trevistas, tramam alianças e buscam adhesões estranhas para ver se conseguem firmar o throno que lhes começa a vacillar e a roda que está prestes a fugir-lhes. Temos um exemplo recente na desventurada Hespanha, envolvida hoje n'um conflicto patriótico, que parece ser o prenuncio d'uma transformação formidavel nas instituições da península. Verificarse-ha no ultimo quartel d'este seculo que houve um chanceler de ferro, que teve a dita de vencer povos e de fundar republicas.

E é cego quem não reconhecer, que atravessamos um periodo de agitação profundissima no modo de ser das sociedades e na direcção dos espiritos. Por toda a parte surgem os symptomas de novas aspirações, de novos ideaes, de novas reformas.

Se o catholicismo vae, decadente e miseravel, esteiando-se na influencia da Roma papal, e se os peregrinos levaram ainda hontem ao chefe da Igreja o obulo das suas devoções em sacos recheados de ouro, devemos lembrar-nos de que cá fóra a multidão cobriu-os de motejos, apedrejou-os, ao grito de «morra o papa!»

Se o primeiro ministro da Inglaterra conseguiu metter hontem entre ferros o primeiro agitador da Irlanda, a Gran-Bretanha respondeu-lhe com imponentes meetings, reclamando a liberdade de Parnell, emquanto que os irlandeses, no enthusiasmo das suas aspirações redemptoras, continuam a erguer alto a voz em eloquentes brados: «viva a republica da Irlanda!»

Se o czar das Russias lança mão das maiores atrocidades para exterminar a seita dos nihilistas, os temiveis revolucionarios respondeu-lhe com novas ameaças e reobrom a valentia na propaganda das suas ideias de liberdade e emancipação.

Que significa isto senão uma corrente medonha, feroz, que se agita em toda a Europa em redor dos despotas e dos tyrannos, obrindo-os a transgír com os povos nas suas aspirações de liberdade e de justiça!

ALBANO COUTINHO

**DOCENTE**

Não tem nada de que nos accusar. Não ha motivo para que vociferem tanto contra nós, nem para que folheiem azafamados o dictionario da calumnia para nos arremessarem a mais feia lá da sombra. São ou não são verdadeiras as accusações, que o *Povo de Aveiro* vem fazendo ha tres annos aos chefes da República? Se não são, deixem-n'as, que é o vento que as leva. Morrem a dois passos da irritabilidade ou do odio que as dicta, e em lugar de arastarem os dirigentes pela lama, são o cimento mais energico do seu throno glorioso. Se o são, queixem-se de si e só de si que nós não temos culpa dos seus odios, dos seus erros e das suas toleimas excessivas.

Que culpa temos nós do odio que o sr. Magalhães Lima vota ao sr. Manuel de Arriaga e vice-versa? Que culpa temos nós do sr. Emydio de Oliveira aspirar a uma força para o sr. Alves da Veiga e vice-versa? Que culpa temos nós do sr. Consiglieri Pedroso não poder encarar o sr. Theophilo Braga e vice-versa? Que culpa temos nós da separação profunda que existe ha tantos annos entre o sr. Elias Garcia e o sr. Bernardino Pinheiro? Parece-nos que nenhuma. Parece-nos que tudo isso se formou, que tudo isso sobreveio, que tudo isso teve origem fóra da nossa alçada e do nosso assentimento.

Queriam que nos calassemos? Não podia ser. Nós somos republicanos por espirito de liberdade, de independencia, de luz e de verdade. Eramos assim republicanos aos quinze annos nos bancos das escolas, escolas em que soffremos até aos vinte por esse mesmissimo espirito livre e independente boas doses de castigos, em que entiam boas doses de dias de prisão. Foi por esse espirito que renegámos o meio profundamente monarchico e burguez em que nos estavam educando, para nos lançarmos com audez no seio d'um partido que se levantava a tanta altura patriótica e moral nas manifestações grandiosas de Camões e de Lourenço Mães.

Guiava-nos a sede devorante da justiça e da verdade. Mas que cruéis desillusões para quem veio achar no campo da republica as mesmas ambições desordenadas, as mesmas intrigas pequeninas, as mesmas faltas de convicções e de principios, os mesmos miseraveis, os mesmos biltres, de que vinha fugindo com horror! Como nos haviamos de calar? Era impossivel. Não se calam assim os gritos dilacerantes do naufrago que descobre uma taboa salvadora na immensidade do oceano, mas que dá com uma taboa pódre e carcomida quando d'ella se avisinha. Uma consciencia recta não se cala, quando se vê ludibriada. Afoga esse ludibrio infamante em ondas de sincera indignação. O justo não se cala quando vê pisada a lei e o direito postergado. Ergue bem alto o seu brado de justiça ainda que a força esteja alli e o carrasco ao seu lado. Queriem para nós a torpe disciplina dos Cesares devassos? Queriem para nós a obediencia e o silencio dos ennuchos? Até n'isso sois uns grandes miseraveis.

Que culpa temos nós da vossa transigencia degradante? Fomos nós que a aconselhámos? Que culpa temos nós da vossa incapacidade absoluta? Queixae-vos do Deus que defendeis, que não fomos nós que vos fizemos. Não tivemos essa honra. Que culpa temos nós do sr. Elias Garcia se ter calado na Salamancada, de nunca ter levantado uma questão de principios elevados na camara legislativa e de ter respeitado em silencio todas as poucas vergonhas da camara municipal da capital? Que culpa temos nós da triste figurinha que ali estaes a fazer nos conciliabulos do Porto e na campanha que encetastes contra a camara de Lisboa com que foi solidario o sr. José Elias que ides de novo apresentar ao povo como candidato municipal? Qué culpa temos nós de terdes falseado o mais puro e sublime do credo democratico? A culpa de não nos termos calado perante esses attentados monstruosos. O nosso crime está em mostrar ao povo o que sois e o que valeis: Oxalá que muitos outros tivessem commettido esse crime, que não seria tão grande o mal d'este paiz.

As vossas luctas intestinas, que acabam de explodir com violencia, ali estão patenteando o estado a que levastes o partido. Se nós nos podessemos calar, seriamos monarchicos. Mas assim como abandonámos todas as regalias e commodidades que nos daria a monarchia por não podermos transgír com os seus erros, assim abandonámos as honrarias que vós, oh chefes, nos querieis conceder, por não podermos transgír com os vossos erros e miserias.

E são estés imbecis que nos cobrem de doestós por os estarmós aqui flagellando, que julgam mesmo cobrir-nós de calumnias, elles que sabem demasiadamente que teriamós na monarchia todas as commodidades se lá quizessemós viver e todas as honras e applausos do *foyer* republicano se lhes quizessemós beijar a fimbria dos vestidos!

A República, sim; Republica-nós com vicios e principios monarchicos, isso nunca. Eis a devise que tomámos para sempre.

**UM BOM HOMEM**

O director do *Seculo* escreveu-nos uma carta *chôrõna* a supplicar-nos que lhe não enviássemos mais o jornal que lhe costumavamos enviar. E' pateta, como se vê. E n'essa conta foi tido toda a sua vida! E são estés os politicos! Um politico que suspende por zanga o seu jornal com o jornal do adversario é que lhe pede que lh'o não mande para se não incommodar! Que creanças!

Era melhor que se absolvesse das accusações tremendas que pesam sobre si. Sim, porque este homem sempre foi tido por muito bom, mas o que é certo é que sempre sarcejou, ou pelo menos não impediu nem castigou como era do seu dever, todas as conspirações que se tramaram no seu jornal contra os melhores caracteres do partido, nem as calumnias miseraveis que os da sua *collèrie* vomitaram e vomitam contra toda a gente honesta. E' bem certo o dictado—Deus nos livre dos bons homens! E politicamente tem sido cumplice em todas as transacções que se tem feito com

**FORNHEIM**

**A VELHICE DO PADRE ETERNO**

**Aos da Associação anti-jesuitica**

(UM AZORRAGUE PARA AZORRAGAR O LOMBO DOS CHEFES DA REPUBLICA PORTUGUEZA.)

Existiu n'outro tempo uma vinha piedosa Dourada pelo sol da alma de Jesus, Uma vinha que dava uns fructos cor de rosa, Vermelhos como o sangue e puros como a luz.

Produzia um licor balsamico, divino, Que aos cegos dava luz, aos tristes dava esperança E que fazia ver na areia do destino A miragem feliz da bemaventurança

Mas passado algum tempo a humanidade inteira De tal modo gostou d'esse licor sublime, Que o extasis christão tornou-se em bebedeira, E o sonho em pezadello, e o pezadello em crime

Nas solidões do claustro as virgens inflamadas Co as fortes atracções da mystica ambrozia Torciam-se febris, convulsas, desvairadas, Meretrizes de Deus n'uma piedosa orgia

Por ultimo Voltaire-floxada invadê Essa encosta plantada outr'ora por Jesus, E das cepas ideias da escura meia idade Ficaram simplesmente uns velhos troncos nus

No meio d'uma feira, uns poucos de palhaços Andavam a mostrar em cima d'um jumento Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços, Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hypocritas, devassos, Exploravam assim a flor do sentimento, E o monstro arregalava os grandes olhos baços, Uns olhos sem calor e sem intendmento.

E toda a gente deu esmola aos taes ciganos: Deram esmola até mendigos quasi nus: E eu, ao ver este quadro, apostolos romanos;

Eu lembrei-me de vós, funambulos da Cruz, Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos Exhibindo, explorando o corpo de Jesus:

..... Fanaticos, ouvi as cousas que eu vos digo:

Dentro d'essa prisão cruel do dogma antigo A consciencia não pode estar paralisada, Como n'um velho catre uma velha entevada: Tudo se modifica e tudo se renova: Da escura podridão nojenta de uma covã Sae uma flor vermelha a rir alegremente. A ideia tambem muda a pel' como a serpente O que era hontem grão é hoje a seara immensa. A Verdade sahiu d'esse casulo—a Creença. Assim como sahiu do velho o mundo novo. Recolher outra vez a aguia no seu ovo E' impossivel; quebrou o involucro ao nascer. Como é que podes tu, ó Igreja, pretender,

Cerrando na tua mão um box enorme—o inferno, Levár aos encontros o espirito moderno, Levá-o para traz, para o passado escuro, Como um bandido leva um homem contra um muro? A trajetoria immensa e fulva da verdade Não se pode suster com a facilidade Com que Jusué susteve o sol no firmamento. Atirar a justiça, a ideia, o pensamento As fogueiras da fé, ó bonzos, é impossivel: Reduzirdes a cinzas o quê? Ó incombustivel! Loucos! ide dizer ao velho Torquemada Que queime se é capaz n'um forno uma alvorada! ..... Sacristas, Ajuntae, reuni os balandraus papistas, As fardas sepulchraes do exercito da fé, A capa de Tartufo, a loba de Claret, A cogula do monge, emfim, tudo que seja Cor da noite; arrancae o velho crepe a igreja, Dos caixões descosei os pannos funerarios, Tisnae ó a vossa lingua as alvas e os sudarios, E se inda precisaes mais sombras, mais farrapos, Pedi ao corvo a aza, o ventre immundo aos sapos, Fabricae d'isto tudo uma cortina immensa, E tapando com ella o sol da nossa creença, Nem mesmo assim fareis o eclipse da aurora!

os monarchicos, como o sr. Teixeira de Queiroz declarou abertamente n'uma carta publicada no Diario Popular!

Hoje está muito ancho da sua popularidade! Pois convença-se de que o folle ha de abaixar. Já foi grande essa popularidade! Hoje é regular, amanhã ha de ser nulla. Se tivesse capacidade, teria sabido aproveitar-se d'ella para constituir uma forte personalidade...

Para os da cotterie, o melhor castigo é um cajado de marmeleiro.

Do sr. Jacintho Nunes recebemos o seguinte:

No ultimo numero do Povo de Aveiro attribue-me v. opiniões sobre a questão religiosa, que nunca foram as minhas, e — o que é mais grave — exhibe-as ao publico como transcriptas do Seculo e do Nove de Julho.

E' minha convicção que v. se deixou surpreender na sua boa fé por algum informador ou pouco escrupuloso, ou pouco entendido no assumpto. Fosse porém como fosse, não gosto de assumir responsabilidade d'opiniões que nunca professei, e que, ao contrario, sempre tenho combatido; e isso leva-me a pedir a v. que faça no proximo numero do jornal a devida rectificação.

Se a minha palavra não garante sufficientemente a exactidão do que affirmo, leia v. os tres artigos que escrevi no Nove de Julho sobre a seita negra, e ficará inteiramente desenganoado.

Terei todos os defeitos d'este mundo, mas ninguém me viu ainda recuar perante a responsabilidade quer dos meus actos, quer dos meus principios. E, se ha n'este paiz radicacs praticos e coherentes tanto na questão religiosa, como na politica, sou eu um d'elles; mas o radicalismo nunca me induziu a negar aos outros o que quero para mim.

Quem não reconhecer a liberdade de consciencia — aproveite ella a quem aproveitar — será tudo quanto quizerem, menos republicano democrata.

Sines 9 de setembro.

Jacintho Nunes.

Não temos á mão o Nove de Julho, em que foi publicado o artigo do sr. Jacintho Nunes a que nos referimos. Lemo-lo algures, em casa d'um amigo. Não está na nossa collecção, porque n'essa epocha ainda o Nove de Julho não trocava com o Povo de Aveiro. Mas como a nossa memoria é a melhor carteira de lembranças que conhecemos, recordamo-nos perfeitissimamente de que o sr. Jacintho Nunes dava n'esse artigo claramente a entender que a separação da Igreja do Estado

não seria decretada, se o partido republicano fosse ao poder, como uma satisfação immediata aos principios democraticos mas como uma consequencia da resistencia ou da guerra que o clero movesse ao governo constituido. Estamos certos de que era esta a deducção logica que se tirava do artigo do sr. Jacintho Nunes. Todavia se estamos enganados, o sr. Jacintho Nunes, que é tão amante da verdade, tem um meio facil de desfazer todas as duvidas e todos os enganacs, fazendo-nos o obsequio especial de nos enviar, pela dificuldade que temos em obter, o numero do Nove de Julho em que foi publicado esse artigo, que julgamos ser o primeiro dos artigos que o sr. Jacintho Nunes escreveu sobre a questão religiosa. Então veremos de que lado está a razão.

Quanto ao artigo do Seculo, já vamos ver se tinhamos ou não tinhamos motivos para escrever o que escrevemos.

O sr. Jacintho Nunes diz-nos que o seu radicalismo nunca o induziu a negar aos outros o que quer para si. Mas o mesmo sr. Jacintho Nunes, no artigo do Seculo de 29 de agosto, intitulado a Seita Negra, escreveu que a designar lo anti-clerical era uma violencia incompativel com os principios da democracia. Quer dizer, o sr. Jacintho Nunes, ou a democracia de sr. Jacintho Nunes, não admittie nem tolera essa brilhante escola philosophica, chamada o materialismo scientifico, que é contra todos os deuses e contra todos os cleros. Quer dizer, o sr. Jacintho Nunes chama violentos, intolerantes e perseguidores, põe fóra da democracia, acha indignos da Republica, esses grandes talentos europeus que se chamam — Delaunay, Lanessan, Ives Guyot, André Lefevre, Haeckel, Buchner, etc., que marcham á frente d'aquella escola e que são por tanto contra todos os deuses e contra todos os cleros. Além d'isso estão quasi todos aliçados no partido republicano radical, onde elle tem verdadeira organização como em França. E nós, que seguimos de longe aquelles grandes vultos, que temos trabalhado e militado no partido republicano portuguez, sómos equalmente expulsos d'esse partido pelo sr. Jacintho Nunes, que nos acha violentos e incompativeis com os principios da democracia, por não sermos só contra os jesuítas, mas por sermos com muita energia, energia de que nos orgulhamos, contra o clero inteiro. Já vê o sr. Jacintho Nunes que não é absolutamente certo que o seu radicalismo o não leve a negar aos outros o que quer para si. Já vê o sr. Jacintho Nunes que verdadeiros republicanos democratas são os que pedem como nós a separação da Igreja do Estado como primeiro acto governativo da Republica, para que exista a pura liberdade de consciencia, e não os que accusam por isso de intolerantes, violentos, exaltados, lunaticos e o diabo a quatro.

No mesmo Seculo diz o sr. Jacintho Nunes — «Quando a Igreja nos atacar devemos defender-nos vigorosamente, mas com a pen-

na e com a palavra. Ao erro por ella proclamado opponhamos a sciencia.»

Isto é, v. ex.ª só oppõe a sciencia ao erro da Igreja, quando a mesma Igreja nos atacar! Exactamente as palavras que nós attribuímos a v. ex.ª no numero passado do Povo de Aveiro. Nem mais, nem menos!

Convença-se, pois, de que ninguém ifudiu a nossa boa fé. O que escrevemos, foi escripto com fé, com convicção e com verdade.

De resto, o communicado de v. ex.ª é uma satisfação para nós. V. ex.ª desloca-se do campo em que estava e vem para o nosso de braços abertos. V. ex.ª é anti-clerical, não é assim? V. ex.ª é partidario da separação immediata da Igreja do Estado, não é verdade? V. ex.ª quer liberdade absoluta de consciencia, pois não quer? Então é o mesmo que nós somos, quer o mesmo que nós queremos! Enganou-se ao combater-nos.

Sobre as suas outras affirmacões, sobre as affirmacões da carta particular-official que nos escreve, fallaremos. Já demorámos a sabida d'este jornal umas poucas de horas para publicar as suas palavras e a nossa resposta. Não podemos mais. Mas como v. ex.ª é um bom character teremos muito prazer em voltar a conversar consigo.

NO PORTO

Vão luctas do diabo no Porto. Travou-se conflicto acceso entre o sr. Emygdio de Oliveira e o sr. Alves da Veiga, o primeiro director da Folha Nova e o segundo director da Discussão. Não queremos entrar no conflicto. Nem mesmo sabemos de que lado está a razão. O que sabemos é só isto:

O sr. Alves da Veiga foi sempre republicano. E' republicano desde os bancos das escolas e continua a trabalhar com energia na propaganda democratica. Não nos consta que haja pedido durante esse largo praso, em que tem sido republicano, candidaturas ao sr. Dias Ferreira ou a outro qualquer vulto eminente da monarchia. Entretanto, e talvez por isso, caiu no desagrado dos deuses de Lisboa ha certo tempo para cá. Emquanto o sr. Emygdio de Oliveira era o predilecto dos deuses, ou do deus do Seculo pelo menos, o sr. Alves da Veiga era tratado com uma frieza accentuada. Isto é o que podemos garantir, e o que não é digno de louvor da parte dos deuses.

Do resto não sabemos cousa alguma. E note-se que não pômos em duvida nem o character nem o republicanismo do sr. Emygdio de Oliveira, que não conhecemos.

E vá vindo o partido republicano se temos ou não temos razão. Não estavam previstas todas estas luctas nos artigos successivos que publicámos ha trez annos sobre a marcha do partido?

E esperem pelo tempo que hão de ver cousas melhores.

Carta de Lisboa

11 de setembro.

Despertam menos interesse as noticias de Hespanha. Parece quasi apasiguado o conflicto que se levantou entre aquelle paiz e a Alemanha a proposito das ilhas Carolinas. Entretanto é cedo para acreditar na paz. Eu estou convencido de que o principe de Bismarck se não lembrou da hypothese da guerra quando mandou occupar as ilhas Carolinas. Ou se persuadiu de facto que d'essa occupação não resultaria reclamação da Hespanha por as ilhas estarem de há muito abandonadas por este paiz, ou confiou demasiadamente na fraqueza da Hespanha e suppoz que abafaria qualquer reclamação com uma simples nota diplomatica ou com um arregoalho altivo. Só quando viu a agitação das cidades hespanholas é que reconheceu o erro que praticara. Mas é o chanceller homem para recuar humildemente, com desprestigio manifesto para si e para a nação que representa? Fica a Alemanha em situação airosa dando á Hespanha as explicações que ella deseja, depois do que acaba de se passar? Não. Essas explicações são humilhantes, são quasi degradantes depois do que se tem feito á bandeira allemã em todo o reino hespanhol, depois das manifestações anti-germanicas, não direi já da massa, mas das classes mais elevadas da sociedade hespanhola. Ora o que resta ver é se a Alemanha se abaixa até esse ponto, ou se procura apenas ganhar tempo com as suas notas conciliadôras. E' o que veremos.

Preparam-se grandes festejos para a recepção dos benemeritos exploradores Capello e Ivens. Lisboa vae receber condignamente os dois illustres portuguezes, que honraram sobremaneira n'esta segunda travessia o nome nacional. Pelos seus trabalhos grandiosos, pela sua abnegação, pelo seu patriotismo, merecem de facto o reconhecimento e os applausos unanimes da nação. Pelo que nos toca, estaremos com entusiasmo ao lado da população de Lisboa na maneira brilhante porque os vae receber.

Quasi todos os jornaes, de Lisboa e provincias, se tem referido largamente á arbitriedade escandalosa com que a inspecção de infantaria e o ministerio da guerra dissolveram as cooperativas nos regimentos de caçadores e infantaria. A campanha da imprensa foi principalmente movida pela cartas d'um militar publicadas no jornal as Novidades, que impressionaram o publico pela maneira explicita e clara com que tratavam a questão.

Realmente não ha memoria de attentado mais monstruoso e vexatorio contra os direitos dos officiaes. O exercito inteiro, de todas as armas, está vivamente indignado com esses homens das alturas que só primam pela asneira, pela ignorancia, pelo disla-

te. Não sei onde isto irá parar. O auctoritarismo é demasiado. As tolices tocam o cumulo. Pois talvez que este negocio das cooperativas ainda dê desgostos serios ao ministerio da guerra!

Não ha nada peor que ferir a bolsa aos individuos. E não obstante a officialidade do exercito portuguez ter cahido na inercia, na frouxidão e no indifferntismo que invadiu toda a sociedade portugueza, vejo-a agora tão irritada, que não sei se o caso dará alguma resistencia seria. Feriram-lhe os interesses! E' verdade que se diz que o ministerio da guerra vae reconsiderar. Pois reconsidera, reconsidera, que isto de apertar a corda demasiado é o diabo. Não ha corda que resista a apertos muito grandes.

Consta por aqui que houve vivo tiroteio em Villa Nova de Cerveira entre a tropa e os contrabandistas. Diz-se que ficaram dois soldados feridos, morto um contrabandista e alguns feridos gravemente. Sei de boa origem, que não ha participacões officiaes a tal respeito para esta divisão militar. As forças que estão em Villa Nova de Cerveira são do Regimento de Caçadores n.º 2.

E digam que os soldados andam a mandar pelo cordão! E' muito bom fallar de papo. Que vão para lá esses ociosos que tanto dão á lingua, que a caça aos contrabandistas não deixa de ser um entretenimento curioso!

Realizou-se hontem a recepção solemne do novo ministro de Hespanha em Portugal, o sr. Mendes Vigo. O ministro referiu-se calorosamente a Portugal, em termos da mais sincera amizade e reconhecimento.

Vae decrescendo rapidamente a epidemia cholericã em Hespanha. Os nossos soldados tem adoecido aos centos no cordão sanitario, o que não admira, por que alem da nossa fronteira ser muito doentia, os soldados estão em pessimas condições hygienicas.

—Inaugurou-se no domingo o novo club republicano Victor Hugo.

Carta de Chaves

11 de setembro.

N'estes ultimos dias tem sido consideravelmente reforçado o cordão sanitario na raia de Galiza.

Ao boato, felizmente falso, de ter-se manifestado o cholera em Verin é que se devem as actuaes melhorias do cordão, que antes era uma lastima.

Ao «vasio» das nossas auctoridades, assim como ao bestunio do palerma Zé Povinho, só occorre santa Barbara quando troveja. E' sabido.

Um rapaz d'esta localidade, residente em Verin, logo que ao outro dia lá circulou a noticia de que a alguns kilometros de distancia se tinham dado uns casos suspeitos, pegou em si, e sem mais tir-te nem guar-te, zombando do cordão, «atirou-se» até Chaves. Chegado aqui foi preso e conduzido, com mais duas pessoas que com elle communicaram, á

A consciencia não é a besta d'uma nora. Lembrai-vos que o Progresso é um carro sem travão, E que apagar em nós o facho da razão E' o mesmo que apagar o sol quando flameja Com um apagador de lata d'uma igreja.

Bonzos, podeis dizer á humanidade—Para!— Co'a foice excomunhão podeis ceifar a ceara Da heresia; podeis, segundo as ordenanças, Metter pedras de sal na bocca das creanças, Fazer do Deus do amor o Deus barbaridade, Chamar á estupidez irmã da caridade E jesuita a Jesus e Christo a Carlos sete; Vós podeis discutir junto da campã o frete, Recoveiros de Deus, o frete que é preciso Para irdes levar lá cima ao paraizo A alma d'um defunto; ó bonzos, vós podeis Ir pedir emprestado um exercito aos reis E defender com elle o papa, o Vaticano, Do cerco que lhe faz o pensamento humano, Pondo adiante d'um dogma a boca d'um canhão; Podeis encarocar dentro da inquisição Galileu; vós podeis, anões, contra os cyclopes Roncar latino, zurrar sermões, brandir hyssopes, Que não conseguireis que a Liberdade vista

A batina pingada e rota d'um sacrista, Que o Direito se ordene, e que a Justiça queira Ir a Roma tomar, constricta, o véo de freira!

Eva colheu um dia o bello fructo impuro O fructo da Razão. N'esse instante sublime Eva tinha o Futuro Na palma da mão!

O homem, abandonado á submissão covarde, Viu o fructo e comeu. Esse fructo é a Luz que a Jupiter mais tarde Roubará Prometheu.

E ao ver igual a si a estatura que creara, O homem reprobou e nu Jehovah exclamou: «Maldita seja a seara Cuja semente és tu!»

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes De toda a humanidade: «Maldito seja sempre o que enterrar os dentes Nos fructos da Verdade!»

A Igreja permittia esse vedado pomo Sómente aos sacerdotes. Da arvore do mal fugia o mundo, como Os lobos dos archotes.

Se o sabio que buscava o oiro nas retortas Ia como um ladrão Roubar timidamente, á noite, ás horas mortas Algum fructo do chão

Tiravam-lhe da boca esse fructo damninho D'uma maneira suave: Atando-lhe á garganta uma corda de linho Suspensa d'uma trave.

Um dia um visionario, alma vertiginosa, Espirito immortal, Foi deitar-se, que horror! á sombra temerosa Da Arvore do Mal.

A Igreja ao ver aquella intrepida heresia Lança-lhe excomunhões; Tomba por terra um fructo...e Newton descobria A lei das atracções!

Sacudi, sacudi a arvore maldita, Que os astros tombarão, Como se sacudisse a aboboda infinita Deus com a propria mão!

E quando o mundo inteiro emfim houver comido Até á saciedade O fructo que lhe estava ha tanto prohibido, O fructo da Verdade,

Homens, dizei então a Jehovah: — «Tirano, «Vai-te embora d'aqui!» «Construimos de novo o paraizo humano; «Fizemol-o sem ti.

«Expulsaste do Olimpo a humanidade outr'ora, «C' despota feroz; «Pois bem, o Olimpo é nosso, e Jehovah, agora «Expulsamos-te nós!

casa destinada para hospital de cholericos, onde todos permaneceram durante sete dias.

Aqui, a respeito de providencias e melhoramentos hygienicos estamos quasi na mesma...

Cada vez que me lembro da «odorifera» passagem do «tunel» das Portas do Anjo, e de outras que taes — palavra d'hora — dá-me mesmo vontade de... estar calado.

Ah! microbio, microbio, quando forçarás tu os governadores de Chaves a satisfazerem-te as «exigencias»?...

— Houve no penultimo domingo, n'uma aldeola vizinha d'esta villa, festividade a S. Bartholomeu. O «santo» empoleirado em alto andar, que meia duzia de basbaques conduziam, lá em certo sitio, mui escabroso agita-se, treme de susto, e para taboa de salvacao, escolhe as beiras d'um telhado proximo, as quaes, quebrando-se ao primeiro encontrão do valente Bartholomeu, despenham-se raiosas sobre o «queijo» d'um devoto, que — coitado! parecia um... martir — em altos berros limpa o «caço» ensanguentado, e amaldiçoa a festança.

Bello! mil vezes bello!

Ivo Teiles.

## COMMUNICADO

Cacia, 1 de setembro de 1885.

E' assustadora e perigosissima a situação em que se encontram os habitantes d'esta freguezia.

Infeliz povo! Nem agora, na eminencia de uma horrivel epidemia, se lembram de vós. Pois uma freguezia como esta, que tem para mais de 6:000 almas, era digna de melhor sorte.

Crêmos bem que nas classes privilegiadas e felizes os momentos de attenção dispensados a esta gente são inspirados por um sentimento analogo áquelle que inspira n'esta occasião o governo na sua tarefa de saneamento urbano, mas seja qual for o movel de tudo isto, o que é preciso é que a auctoridade se lembre que este povo precisa ser reparado com attenção no momento em que uma terrivel epidemia nos ameaça.

Onde estão os postos medicos? Onde está um hospital para nos acudir? Ou querem que um atacado de cholera percorra a extensão de 7 ou 8 kilometros para o recolherem no hospital, que é o da cidade, o que se encontra mais perto! Ora sejam mais humanitarios para aquelles que vos ampliam as vossas collocações douradas e privilegiadas e que nunca se negaram ás imposições e exigencias do fisco.

Se n'este momento «o homem que de nada precisa» seguisse o pobre, descesse á toca onde o enxame dos filhos victimados pela variola, inquerisse a historia d'aquella desventura, confrontasse o preço dos salarios com o custo dos alugueres e examinasse a taxa de vidas com que aquella familia tinha já contribuido para a enorme capitação de miseria; se o dirigente, enfim, tivesse para tanta calamidade a commiseração que tal espectáculo desperta sempre nas almas bem formadas, apreciaria então a parcela de responsabilidade que cabe aos dirigentes d'este povo, pela desgraçada situação em que se acha quando um perigo enorme se avizinha. Pois sejam mais cuidadasas, senhoras auctoridades; não abandonem na occasião da miseria aquelles que em occasiões eleitoraes são tão lembrados por vós.

Nós, que estamos ao lado do povo, combatendo por elle; que fizemos da defeza dos seus interesses, que são os interesses da patria, o lemma do nosso dever mais restricto, pugnamos pelo melhoramento das classes pobres por ser esse o nosso ideal mais ambicionado, porque entendemos ser essa a reclamação mais urgente da justiça eterna.

Manuel Nunes Ferreira.

## PARA RIR

«Convém aos srs. regeneradores que os hostes inimigos se desavenham em rixas, e que os acampamentos dos adversarios estranquem desatinos.»

Estranquem! Se fosse o Camillo escreveria *estranquem*. Como é o Camello escreve *estranquem*, á Jayine ou á Rosalino.

«Mas se esses conflictos nas fileiras dão alma ao partido regenerador, que vai á sombra comendo os bellos e sazonados frutos da arvore do poder, é certo que não consta que os srs. regeneradores sejam o paiz.»

Esta conclusão de que não consta que os srs. regeneradores sejam o paiz é mesmo *d'alto lá com ella*. É a melhor conclusão que se poderia tirar d'aquelle periodo.

Agora, como ficamos decididamente ao abrigo das epidemias cholericas é observando estas regras:

«Não lendo letreiros de muro novo ou escriptos latrinosos (continua a ser indecente como um maracó) e habitando casas bem ventiladas e bem iluminadas com abundancia d'agua» (!)

Que raio de primo que a sorte nos deu. Ter um parente desavergonhado, vá lá. Não é das melhores cousas, mas atura-se. Agora ter um primo cretino é que é uma de seis centos mil diabos! Raios partam os primos que queiram uma *casa bem iluminada com abundancia d'agua!*

## NOTICIARIO

O sr. Alexandre da Conceição registou hontem civilmente o nascimento d'um seu filho na administração do concelho de Coimbra.

O nosso mais cordeal parabem ao paé do neophito.

Partiu para a Figueira da Foz com sua familia o sr. Diniz Kopek Severim de Souza Lobo, delegado do thesouro d'este districto.

S. ex.<sup>as</sup> tencionam demorar-se n'aquella praia durante a quadra balnear.

Ainda hoje luctámos com falta de espaço para publicar alguns escriptos que eram destinados a este numero, e entre elles a carta do nosso sollicito correspondente da Bairrada.

Na quinta feira, á chegada do comboio descendente da noite, houve na gare da estação do caminho de ferro grande fiasco á recepção preparada ao sr. Peito de Carvalho que se dirigia á capital.

Os promotores da festa em honra de s.ex.<sup>a</sup> levavam uma musica, alguns foguetes e haviam convidado varias individuos para victoriarem na passagem o sr. governador civil de Lisboa. Chegando o comboio, os populares trocaram os papeis e levantaram vivas á Republica e a varios personagens do partido republicano.

O sr. Peito estava enfiado com a chalaça, os festeiros atrapalhados inclivavam a philharmonica a fazer estrondo para abafar os vivas. Quando, porém, ella deixava de tocar, rompiam novas acclamações ao partido republicano, morras aos jesuitas, etc.; era um barulho de vivas que deixou embasbacados os amigos do sr. Peito de Carvalho e este estupefacto com a recepção que lhe prepararam.

Foi desapontado para Lisboa.

N'um dos dias d'esta semana houve n'um estabelecimento de

ceramica d'esta cidade grave conflicto entre duas mulheres, uma das quaes, para não ser victima da sua antagonista, teve de gritar por soccorro, acudindo-lhe os operarios da fabrica.

Não é a primeira vez que a heroína promove d'aquellas scenas de pugilato com grande escandalo da vizinhança do estabelecimento, que certamente não se acrellita com a admissão de mulheres de costumes faceis.

A agredida, uma rapariga de procedimento honesto, levou a queixa a um dos proprietarios da fabrica, um cavalheiro respeitavel que saberá desaggravar a sua empregada da affronta infligida pela heroica femea.

O acontecimento é do dominio publico. Ao proprietario de que vimos fallando convem radicar a convicção de que s. ex.<sup>a</sup> é extranho a esses scenas immoraes que levam o descredito a um estabelecimento.

As magestades andam azafamadas com novas iniciativas para melhorar a sorte dos cholericos caso o bixo chegue a Lisboa. A occasião seria opportuna, porque os vassallos já não morrem de amores por esses idolos, e o cholera viria por isso prestar-lhes grandes serviços na pesca de corações.

Oh! que se o microbio não vem, as magestades ficam embasbacadas, e darão ao diabo as despesas feitas com a recepção que lhe preparavam, despesas saídas d'aquelles involvidaveis 1000 contos com que outro dia as presentearão.

São umas finorias estas magestades de lanbejoulas e vidrinhos a offuscarem os basbaques!... Quem as conhecer... Uma epidemia cholericas, venha de lá uma epidemia cholericas, que as magestades ancejam por mostrar a magnanimidade do seu coração e a generosidade de sua bolsa...

No ultimo domingo, á noite, uns garotos indecentes collocaram ao principio da rua do Espirito Santo um obstaculo de madeira com o fim premeditado de se divertirem estupidamente. Os transeuntes desprevénidos esbarravam no tropeço e cahiam com gaudio da garotada que assistia ás cambalhotas proximo do local.

Era conveniente fazer entrar na ordem aquella turva de garotos que se manifesta por divertimentos de tão mau gosto.

Affiançam-nos que se trata de organizar ahí com certeza um grupo de policia, em cuja creação o sr. governador civil é o mais empenhado.

Em quanto, porem, isso não fór um facto, permittam-nos duvidarmos que o sr. Mendes Leite nos dê esse melhoramento, tal é a descrença que a gerencia d'essa auctoridade nos tem levado ao animo.

Recabemos a visita de mais dois collegas no campo da imprensa periodica. São o *Felgueirense*, de Felgueiras, e a *Sentinelilla do Porto*, do Porto. Este entrou com o seu numero de visita no 2.<sup>o</sup> anno de existencia; aquelle apparece pela primeira vez na liça jornalística.

Cumprimentámo-los sinceramente.

Sua magestade a rainha arvorou-se em protectora dos institutos jesuiticos. Esta semana foi-lhe apresentada uma representação rogando-lhe que se dignasse aceitar a presidencia d'uma associação de senhoras portuguezas e brazileiras que terá por fim promover a creação de casas de ensino de caracter monacal nas provincias ultramarinas, em que sejam educadas com especialidade pessoas do sexo feminino.

A rainha prometteu que faria tudo quanto estivesse ao seu alcance, a fini de que tão luminoso

pensamento seja convertido em realidade.

O portador da representação foi um tal Antonio José Boavida, superior do collegio das missões ultramarinas, collegio sobejamente conhecido como um formidavel centro raciocinatório. Ah! ha-vemos de bater as palmas á sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia quando a virtuos de abasaderes na sua real cabeça.

O nosso collega *Os Funcionarios Publicos* sendo victima d'um abuso criminoso praticado na repartição do correio de Cantanhede, levou esse facto ao conhecimento do director do correio do districto de Coimbra, que fez demittir immediatamente o director da estação telegrapho-postal de Cantanhede por se provar que este funcionario prevaricava no exercicio dos seus actos publicos.

Nós tambem somos victima de factos d'esta natureza, e em balde temos pedido providencias. E louvamos por isso a satisfação dada superiormente ao publico demittindo o empregado menosprezador dos interesses d'outrem.

Oxalá que a lição aproveite a mais algum delinquente.

O actual ministro do reino Augusto Cezar Barjona de Freitas entra na lista dos contribuintes relapsos, publicada pela folha official, sob a epigraphe — *Contribuintes que não foram encontrados*.

Avalie-se o cunho de moralidade que preside aos actos publicos d'esta prole sahida do ventre da monarchia, onde não é conhecido um dos seus principaes administradores... para pagar as suas dividas ao Estado!

E o pobre Zé quasi sem pelle...

Em S. Miguel do Rio Torto, concelho d'Abrantes, o prior da freguezia não quiz aceitar como padrinho n'um baptisado, um individuo que casára ha tempo civilmente. Estes factos dão-se por ahí a cada passo, e não surprehem ninguém.

O melhor do caso é que sendo o delicto levado aos tribunaes, o agente do ministerio publico, ordenou que fosse archivado o processo, allegando que o homem casado civilmente é um hereje!!!

Eis, pois, a influencia official ecclesiastica e civil mancomunadas para o atropellamento das leis do paiz.

Uns torpes, uns miseraveis, que suffocam os sentimentos da dignidade para dar expansão aos seus instinctos despreziveis. São estes os fructos do aviltamento que desce do throno.

O *Penamacorense* suspendeu temporariamente a sua publicação. Parece que intrigas mesquinhas movidas na sombra fizeram sustar a existencia d'aquelle periodico.

E' muiño difficil e ouriçada de espiinhos a vida jornalística na provincia quando se tem um lemma intemerato e intransigente com as podridões sociaes que se alastram por ahí.

A carolice bracarense sentiu-se ferida com o apparecimento da *Velhice do Padre Eterno*, em que Guerra Junqueiro criva de golpes certos e fundos a credice catholica, pondo em debandada a alluvião d'esses sectarios do ultramontanismo.

Soffrem os seus interesses, porque o inferno e o ceu tendem a desaparecer.

Ao mesmo tempo que appareceu em Vendas Novas e *meuino virtuoso*, surgiu em Traz-os-Montes um velho que cura doencas rebeldes e faz estupendos milagres.

Reside em Loureiro, comarca da Regua, n'uma simples gruta, e dizem os papalvos do sitio que só toma de oito em oito dias uma chavena de chá com um pedacito de pão. (!) Contam ainda os men-

cionados papalvos, que em virtude dos grandes crimes, que praticou, resolvera tornar-se *eremita*, penitenciando-se d'este modo. Tem tido, e está tendo, é claro, uma extraordinaria concorrência de freguezes. (!)

Não podem ser apodadas de suspeição as seguintes palavras proferidas pelo *Correio de Abrantes*:

«Está reconhecido que é o senhor D. Euiz que continua a abrigar debaixo do seu manto os esbanjadores da nação, os ditadores despoticos, pois, enfarrapase esse manto como trapagom suja que pede barril de lixo.»

Registámos gostosamente o doesto da folha progressista. E o paiz que vá archivando a phrase justa que aquelle periodico expoliou n'um momento talvez irrelectido.

Os ultimos acontecimentos provocados pelos jesuitas no Porto accordaram a opinião liberal d'aquella cidade. A lucta está travada. D. Americo capitanea as hostes negras. A frente do movimento anti-jesuitico acham-se preponderantes individualidades.

Apesar d'isso, não é facil prever os resultados da lucta, que no estado de exaltação em que se encontram os animos liberaes póde ter sérias consequencias, por que o jesuitismo tem o apoio official.

Veremos em que pára todo esse azáfama. Se o governo se deixar vencer pelas insinuações do alto clero, talvez isso dê lugar a um rompimento mais accentuado em que o partido republicano terá mais a ganhar. E as tradições do Porto activo e digno não se apagam ou se subjugam com uma simples ordem do poder central.

Que os deuses os inspirem a todos. Uma simples faulha póde originar um grande incendio.

Na Madeira fazem-se grandes preparativos para festejar na sua passagem por alli os exploradores portuguezes Capello e Ivens.

Ser-lhes-ha offerecido um banquete e um baile.

Dizem de Torres Novas:

A chuva que caia prejudicou bastante a maturação já adiantada. Muitos lavradores receavam que occasionasse o apodrecimento da uva, e isso, junto com o rapido abaixamento da temperatura, poderia influir grandemente na força alcoolica do nosso vinho de 1885.

Houve algum estrago, o que mais aggravou a situação dos vinhedos, já experimentados com o terrivel escaldão de 15 a 18 de agosto.

Todavia, o tempo desde domingo, 30, melhorou consideravelmente; a temperatura elevouse, e o fructo parece que reviveu. Da Merceana e Dois Portos ha boas noticias, e se o tempo continuar de feição, ha toda a esperanza de uma colheita que ha de alegrar ainda os mais exigentes, enchendo-lhes as adegas.

Consta que vae ser nomeado vogal do tribunal de contas o sr. Manoel da Assumpção, o tal do cavallo branco.

A posta é gorda, mas é digna dos serviços que o furibundo deputado emprestou á situação.

Olho por olho.

A companhia dos caminhos de ferro do norte e leste resolveu que a venda dos bilhetes de 3.<sup>a</sup> classe seja separada de 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup>, assim como separar as mercadorias do norte das de leste, conseguindo-se assim mais rapidez no serviço e mais commodidades para o publico.

Parece que um abastado proprietario do Algarve vae intentar a cultura do chá n'aquella provincia.

CONTRA A DEBILIDADE
Recomendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

BIBLIOGRAPHIA

Os Miseraveis.— Saiu á luz o primeiro fasciculo d'esta esplendorosa creação de Victor Hugo, editada pelo sr. Eduardo da Costa Santos.

Pela perspectiva do fasciculo que temos presente, ornado de gravuras com a vida palpitante que soube imprimir-lhe a arte franceza, a edição é formosissima e digna do auxilio publico. Veja-se o annuncio.

A Alma Nova.— Assim se intitula uma revista semanal de sciencias e de litteratura, de que

é director o nosso correligionario sr. Aureliano Cirne. Agradecemos o n.º 1 que nos foi enviado.

Os proprietarios da importante Chapellaria Universal, srs. Victor Coutinho & C.ª, obsequiaram-nos com um exemplar de figurinos em phototypia dos mais modernos productos d'aquella acreditada casa portuense. Agradecemos.

Arquivo dos Municipios Portuguezes.— Recebemos a oitava folha d'esta utilissima publicação. Assigna-se na Trav. do Convento de Jesus, 33, 1.º—Lisboa.

Do Archivo Popular de Bons Romances recebemos Os Ladrões d'Ouro, O Fidalgo Pobre e os Mendigos da Morte.

Agradecemos. Assigna-se na Casa Mineira, rua Nova da Palma, 138—Lisboa.

A Illustração Portugueza.— Recebemos o n.º 8 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.— Recebemos o fasciculo 35 d'este romance. Assigna-se na rua d'Atalaya, 48—Lisboa.

O Sargento-mór de Villar.— Recebemos o 2.º fasciculo d'este romance, de Arnaldo Gama, editado pelo sr. Eduardo da Costa Santos. Todos os pedidos ao editor, rua de Santo Ildefonso, n.º 4 e 6—Porto.

A Rua d'Amargura.— Recebemos os fasciculos 7 e 8 d'aquelle romance, editado pela Bibliotheca do Cura d'Aldeia.

Todos os pedidos, a Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 215—Porto.

Revista de Medicina Dosimetria. Recebemos o 9.º numero do 3.º anno

Assigna-se na phararmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

Revista de Estudos Livres.— Foi publicado o fasciculo n.º 4 do terceiro anno, mas não recebemos o fasciculo n.º 3. Como d'esta fórma a obra nos fica incompleta, esperamos do sr. Carrilho Videira a fineza de nos remetter o fasciculo de que não estamos de posse.

Assigna-se na rua do Arsenal, 96—Lisboa.

Recebemos o fasciculo 43 das Mulheres de Bronze, esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz da Pau, 26—Lisboa.

O Album de Cintra, promettido a cada assignante no fim das Mulheres de Bronze, está em preparação, e contem 14 vistas dos principaes monumentos de Portugal.

A mesma empreza destina á sorte 100\$000 reis, sendo 50\$000 reis com o 1.º premio, 30\$000 reis com o 2.º premio e 20\$000 reis com o 3.º premio.

As cautellas com os 5 numeros, indicando a data da loteria, brevemente serão distribuidas.

Só teem direito a estes premios os srs. assignantes que não estejam em debito.

Typ. do «Povo de Aveiro» Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como trez arreios de carro. N'esta redacção se diz.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as phararmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na phararmacia Franco, em Belem, Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, phararmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Officina e deposito de moveis

Rua de José Estevão

MANUEL F. LEITÃO apronta com a maxima brevidade qualquer encomenda que diga respeito á sua arte.

CAIXÕES FUNEBRES

Tem um grande deposito d'elles, de todos os tamanhos, sempre forrados e prontos para qualquer hora a que forem procurados.

XAROPE phelandriço composto de rosa.

POVADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na phararmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª Edição Illustrada)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as phararmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na phararmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na phararmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

EXPLENDIDO!

JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex.ªs freguezas a visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

GENEBRA SEM RIVAL

superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa. Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FACSIMILE) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes phararmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na phararmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na phararmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

PRAIA DE ESPINHO

— RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 —

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

simão Monteiro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na fórma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanais, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER," AVEIRO—75, Rua de José Estevam, 79—AVEIRO (Pegado á Caixa Economica)

VALÕES VENEZIANOS

Joaquim do Amaral Fartura tem para alugar uma elegante colleção de valões venezianos, encarregando-se da collocação dos mesmos em tunel, pavilhão chinês, ou outro qualquer gosto de adorno.

Encarrega-se de fornecer tambem acrostatos illuminados.

Os preços são muito commodos. Quem pretender dirija-se ao annunciante, em Esgueira, feiro.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes phararmacias do reino. Em Aveiro, phararmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, phararmacia Maia, Oliveira do Bairro.

OFFICINA DE CARPINTEREIRO

— RUA DE ALFANDEGA —

(Baixos do hotel Cysne do Vouga)

Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, taes como armações para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

Todos os pedidos a

Fernando Homem Christo